



A Santa Sé

PAPA FRANCISCO

ANGELUS

Praça São Pedro

Domingo, 4 de julho de 2021

[Multimídia]

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

O Evangelho que lemos na liturgia deste domingo (*Mc 6, 1-6*) fala-nos da incredulidade dos concidadãos de Jesus. Depois de ter pregado noutras aldeias da Galileia, Ele regressa a Nazaré, onde tinha crescido com Maria e José, e num sábado começa a ensinar na sinagoga. Muitos que o ouviam perguntam: «De onde vem toda esta sabedoria? Mas, não é ele o filho do carpinteiro e de Maria, isto é, dos nossos vizinhos que conhecemos bem?» (cf. vv. 1-3). Perante esta reação, Jesus afirma uma verdade que também se tornou parte da sabedoria popular: «Um profeta só é desprezado na sua pátria, entre os seus parentes e em sua própria casa» (v. 4). Dizemos isto muitas vezes...

Detenhamo-nos na atitude dos concidadãos de Jesus. Poderíamos dizer que eles *conhecem Jesus, mas não o reconhecem*. Há uma diferença entre conhecer e reconhecer: com efeito, esta diferença faz-nos compreender que podemos conhecer várias coisas sobre uma pessoa, ter uma ideia, confiar no que os outros dizem sobre ela, talvez até encontrá-la de tempos a tempos na vizinhança, mas tudo isto não é suficiente. Eu diria que se trata de um conhecimento comum e superficial, que não reconhece a singularidade dessa pessoa. É um risco que todos corremos: pensamos que sabemos muito sobre uma pessoa, e o pior é que a rotulamos e fechamos nos nossos preconceitos. Do mesmo modo, os compatriotas de Jesus conhecem-no há trinta anos e pensam que sabem tudo! «Mas não é este o rapaz que vimos crescer, o filho do carpinteiro e de

Maria? Mas de onde lhe vêm, estas coisas». A desconfiança... na verdade, nunca repararam quem é realmente Jesus. Limitam-se à exterioridade e rejeitam a novidade de Jesus.

E aqui entramos diretamente no cerne do problema: quando deixamos prevalecer o conforto do hábito e a ditadura dos preconceitos, é difícil abrimo-nos à novidade e deixarmo-nos surpreender. Controlamos: com o hábito, com os preconceitos... Muitas vezes acabamos por procurar a confirmação das nossas ideias e esquemas de vida, das experiências e até das pessoas, para nunca termos de fazer o esforço de mudar. E isto também pode acontecer com Deus, precisamente para nós crentes, para nós que pensamos conhecer Jesus, que já sabemos tanto sobre Ele e que é suficiente repetirmos as mesmas coisas de sempre. E isto não é suficiente, com Deus. Mas sem abertura à novidade e acima de tudo - escutai bem - abertura às surpresas de Deus, sem espanto, a fé torna-se uma ladainha cansada que morre lentamente e se torna um hábito, um hábito social. Eu disse uma palavra: espanto. O que é o espanto? O espanto é precisamente quando o encontro com Deus acontece: «Encontrei o Senhor». Mas leiamos o Evangelho: muitas vezes, as pessoas que encontram Jesus e o reconhecem, sentem-se maravilhadas. E nós, mediante o encontro com Deus, devemos seguir por este caminho: sentir maravilha. É como o certificado de garantia de que esse encontro é verdadeiro, não é habitual.

No final, porque é que os concidadãos de Jesus não O reconhecem e não acreditam n'Ele? Mas porquê? Qual é a razão? Podemos dizer, em poucas palavras, que não aceitam o escândalo da Encarnação. Não o conhecem, este mistério da Encarnação, não aceitam o mistério: não o sabem [conhecem?] Mas a razão é inconsciente e sentem que é escandaloso que a imensidão de Deus se revele na pequenez da nossa carne, que o Filho de Deus é o filho do carpinteiro, que a divindade está escondida na humanidade, que Deus habita no rosto, nas palavras, nos gestos de um homem simples. Eis o escândalo: a encarnação de Deus, a sua veracidade, o seu “dia a dia”. E Deus tornou-se concreto num homem, Jesus de Nazaré, tornou-se companheiro de caminho, tornou-se um de nós. “Tu és um de nós”, digamos a Jesus: uma bela oração! É porque um de nós nos compreende, nos acompanha, nos perdoa, nos ama muito. Na realidade, é mais cómodo um Deus abstrato e distante que não se intromete em situações e que aceita uma fé distante da vida, dos problemas, da sociedade. Ou gostamos de acreditar num deus “com efeitos especiais”, que só faz coisas excecionais e proporciona sempre grandes emoções. Pelo contrário, caros irmãos e irmãs, Deus encarnou-se: Deus é humilde, Deus é terno, Deus está escondido, faz-se próximo de nós, habitando a normalidade da nossa vida diária. E assim, acontece a nós como aos concidadãos de Jesus, corremos o risco de, quando ele passa, não o reconhecer. Volto a proferir aquela bonita frase de Santo Agostinho: “Tenho medo de Deus, do Senhor, quando Ele passa”. Mas, Agostinho, porque tens medo? “Tenho medo de não O reconhecer. Tenho medo do Senhor quando Ele passa. *Timeo Dominum transeuntem*”. Não O reconhecemos, escandalizamo-nos com Ele, pensamos como é o nosso coração em relação a esta realidade.

Agora, em oração, peçamos a Nossa Senhora, que acolheu o mistério de Deus na vida quotidiana de Nazaré, que tenhamos olhos e coração livres dos preconceitos e que olhos abertos ao

espanto: “Senhor, que eu te encontre”, e quando encontramos com o Senhor há este espanto. Encontramo-nos com Ele na normalidade: olhos abertos às surpresas de Deus, à Sua humilde e oculta presença na vida quotidiana.

Depois do Angelus

Queridos irmãos e irmãs!

Da querida nação de Eswatini, na África Austral, chegam notícias de tensões e violências. Convido aqueles que ocupam posições de responsabilidade e quantos manifestam as suas aspirações para o futuro do país a fazer um esforço comum de diálogo, reconciliação e resolução pacífica das diferentes posições.

E tenho o prazer de anunciar que de 12 a 15 de setembro próximo, se Deus quiser, farei uma visita pastoral à Eslováquia. Na parte da tarde [do dia 12]. Os eslovacos estão felizes! [Há muitos peregrinos eslovacos na Praça]. Antes [na manhã do mesmo domingo, 12 de setembro] celebrarei em Budapeste a Missa de encerramento do Congresso Eucarístico Internacional. Agradeço calorosamente a quantos estão a preparar esta viagem e rezo por eles. Rezemos todos por esta viagem e pelas pessoas que estão a trabalhar para a organizar.

E saúdo com afeto todos vós, Romanos, peregrinos de Itália, de vários países, especialmente os Eslovacos! Em particular, saúdo os grupos de fiéis de Cosenza, Crotone, Morano Calabro e Ostuni. Desejo-vos a todos bom domingo. E por favor não vos esqueçais de rezar por mim. Obrigado! Até à vista!